Uma escôlha importante de peças justificativas, de ilustrações e de gráficos permitem levar em conta, de maneira completa, as condições técnicas e financeiras do tráfico marítimo do grande pôrto bordelês.

E. S. P.

\* \*

MEYER (J.). — La noblesse bretonne au XVIIIe siècle. Paris. S.E.V.P.E.N. Publicação da "École Pratique des Hautes Études. VIe section". Coleção "Bibliothèque Générale". 1967.

Ésse ensaio devotado à nobreza bretã pretende ser ao mesmo tempo quantitativo — na medida em que os documentos o permitirem — institucional e psicológico. A obra estrutura-se, pois, sôbre uma dialética permanente que não cessa de multiplicar ambigüidades, falhas, contradições. Nenhuma nobreza, com efeito, não é mais original, mais particularista, mais fechada nos seus usos e costumes, do que a nobreza bretã. Foi acentuado muitas vêzes a "nova nobreza": nenhuma outra sofreu como ela as esquematizações abusivas por ocasíão das controvérsias políticas dos séculos XVII e XVIII. Fundamentada sôbre as precauções de um Letaconnoux e mais ainda de Henri Sée, essa pesquisa deixa entrever a parte, muitas vêzes subestimadas do Oeste na economia francesa. A nobreza bretã participa dessa vida econômica mais do que se tem o hábito de dizer. Como Michelet gostava já de fazer notar, a França do Antigo Regime era diversificada.

E. S. P.

\* \*

FINA (Wilson Maia). — O chão de Piratininga. Editôra Anhambi S. A. São Paulo, 1965, 125 páginas, formato 0,16 x 0,23, ilustrado com três mapas (encarte).

Nunca vimos um arquiteto tão historiador, ou melhor, uma história tão tècnicamente arquitetada. Temos a impressão que depois de cada pesquisa, depois de cada página, voltava a vê-la, admirando suas carcterísticas estéticas, de régua de cálculo em punho, buscando ver na pesquisa, uma cornija que colocara, apoiando uma fôlha de acanto do passado.

O segrêdo de sua técnica reside no equilíbrio, na clareza e conceituação dos fatos que constituem sua razão de ser.

No capítulo I. — O campo de Piratininga, inicia, levantando uma problemática, evitando assim a formação perigosa de um mito. Teria Piratininga existido? Seria um rio? Seria taba de índios?... bairro? No final, depois de situar sua problemática, conclui mostrando que Piratininga era um bairro em técnica urbanística moderna e uma paragem no sentido histórico.

No capítulo II. — O Têrmo da Vila de São Paulo, apresenta-nos uma medida, que é fruto de grande pesquisa —

"Quantos metros representavam êsses cinco tiros de besta? Besta era... Assim, o primeiro rócio tinha uns 500 metros de raio, partindo como centro o Largo da Sé, o que daria um círculo em tôrno do raio, rua da Imperatriz (15 de Novembro), até a rua Líbero Badaró, e o raio rua Direita até o rio Anhangabaú. Pela rua Santa Teresa, hoje Largo da Sé, até o Largo 7 de Setembro. Fechava o círculo o curso do Tamanduateí".

## Face a pesquisa de Maia Fina:

"E' exatamente pelos inventários dos povoadores, com a colaboração dos escreventes e juízes, que verificamos que o têrmo da vila de São Paulo se estendia a paragens longinqüas, tais como: Guarulhos, Juquiri, Cotia, Caucaia, Itapecerica, Itaquera, Itaquaquecetuba, Arujá e Rio Pequeno, fornecendo-nos assim, uma idéia perfeita de seu tamanho".

Em 6 de dezembro de 1729, o Procurador da Câmara de Santana do Parnaíba, protestava junto ao Senado da Câmara de São Paulo, contra a intromissão dos Oficiais paulistanos nos limites de suas terras. Santana do Parnaíba, hoje cidade morta, foi paragem de grande importância, pois como a vila de São Paulo, também tinha 6 léguas em redor para limite de seu rocio.

Evidencia-se que as marcações eram aleatórias, pela falta de instrumentos de precisão, pois a medida era feita a corda.

No capítulo III. — Caminhos e Bairros, nos mostra da preocupação constante "dos camaristas do Concelho", na conservação em boas condições de tráfego, das pontes e caminhos, que se lançavam nas ondulações topográficas, em direção dos diferentes bairros da vila, além da conservação das fontes que forneciam o precioso líquido para consumo dos habitantes.

Os trabalhos de abertura e conservação dos caminhos e serventia da vila, capinagem... eram feitos com mão-de-obra fornecida pelos moradores e vizinhos aos caminhos e pontes com casas à sua beira, ou que dêles serviam, feito tudo em mão comum.

A Ata de 30 de março de 1575, esclarece bem êsse cuidado, determinando que

"todo o morador da vila, sob pena de 100 réis de multa mandasse fazer o caminho do 'Conselho' que vai daqui para Virapoeira, e que tôda a pessoa que tiver terras e testadas, que viesse dar no dito caminho os mandasse fazer e limpar no prazo de 8 dias".

A mão-de-obra para os trabalhos, que era fornecida pelos moradores, obedecia à proporção de 2 para 6, ou seja, quem tivesse mais de 6 escravos forneceria 2 e quem tivesse menos forneceria um homem, constituindo assim o grupo de trabalhadores.

O mesmo critério era estabelecido pela comuna, nos trabalhos de construção e conservação das fontes.

Maia Fina, encerra seu capítulo mostrando a importância do rio Tietê:

"As propriedades situadas ao sul do rio, tinham denominações antecipando, porém, a palavra paragem, vindo depois o indicativo, o lugar. Na paragem onde chamam Ibirapuera, na paragem de Pi-

nheiros, e assim por diante. Para o norte a influência do rio ia até as paragens de Tremembé, Mandaqui, estabelecendo uma linha paralela ao rio. Depois disso, a paragem chamada 'na banda de além do rio', para lá do sertão, para o além'.

No capítulo IV, o autor nos dá uma relação dos proprietários em Piratininga, no qual nos revela sua pesquisa:

"Fizemos um levantamento nos 40 volumes dos 'Inventários e Testamentos', publicados pelo Arquivo do Estado de São Paulo, cujas edições vem sendo feitas desde 1921. Seguimos o roteiro estabelecido, através dos Registros da Câmara Municipal de São Paulo e dos livros de Registros de datas de terras e sesmarias".

Finaliza o capítulo com o registro das propriedades em Piratininga, que datam dos anos de 1570, 1576, 1601, 1624, material para localização de Piratininga, no mapa da cidade.

No capítulo V, são tratados os Testamentos e Inventários dos moradores de Piratininga. Inicia com Francisco Rodrigues Barbeiro, que compareceu aos 30 de janeiro de 1588, ao Paço do Concelho, para registrar uma data de terra de sua propriedade (pág. 41, vol. I, ano de 1937. Departamento de Cultura do Município).

Depois de enumerar vários testamentos e inventários, termina, argumentando,

"se Piratininga fôsse povoado, o Juiz se teria dirigido à casa de Antônio Leite..., donde se deduz que Piratininga ficava fora dos limites do povoado, nos têrmos da vila".

A verdade geográfica, é tratada no capítulo VI no qual após exaustiva pesquisa mostra-nos que Piratininga era um lugar fora, situado além dos estritos limites do povoado, di-lo Sebastião de Freitas, em sua petição de 1598:

"Vivia no lugar que se chamava Piratininga, campo e terra do Concelho que está devoluto, pelo que nos pedia lhe déssemos junto a sua casa para 'quintal'".

Era pois, um lugar fora, terras devolutas, porém, já êle morava lá. E que era nos campos de Juqueri, não só o confirma Carvalho Franco, como a petição de Ignez Monteiro, e o próprio escrivão do Concelho, ao ceder as datas de terras no ano de 1640.

Finaliza sua obra no capítulo VII, O desaparecimento de Piratininga, mencionando Jaime Cortesão,

"três fatos de ordem muito diversa concorreram para a dispersão da Piratininga de Martim Afonso de Sousa: 1.0) desaparecimento dos objetivos fundamentais; 2.0) insuficiência dos elementos humanos de ocupação; 3.0) reivindicação e expansão espanhola de sentido contrário".

Só com a implantação do colégio ignaciano em 1554, a região começou a sentir a presença do clima protetor da metrópole. Mas São Paulo era apenas o núcleo formado pela presença do colégio.

Foi com a mudança de Santo André para junto do colégio que começou a desenvolver-se o interêsse da comunidade, já com feições organizadas em for-

ma de Câmara, Igreja, Pelourinho, Fôro, dando estrutura legal ao núcleo em formação.

Washington Luís, no estudo que fêz sôbre a Capitania de São Vicente, não aceita a existência da vila de Piratininga de Martim Afonso de Sousa, dizendo que

"até agora não se sabe onde tal vila foi situada, ou mesmo se existiu".

Além dos capítulos, Wilson Maia Fina nos dá três encartes nos quais localiza na planta os moradores, através dos inventários e testamentos e rica bibliografia.

E' autor ainda das seguintes obras: Martim Afonso de Sousa e os primeiros povoadores de São Paulo, publicada em 1963; História do Desenvolvimento do Urbanismo na Cidade de São Paulo, Edições da Sociedade "Amigos da Cidade de São Paulo", n.o 18, 1961; São Thomé, Padroeiro dos Arquitetos, publicado em 1964 e Paço Municipal de São Paulo, publicado em agôsto de 1961.

## JOSUE' CALLANDER DOS REIS

\* \*

POWELSON (John P.). — Latin America: today's economic and social revolution. McGraw-Hill, New York, 1964, 303 págs., US\$ 9.00.

A contenda ideológica entre capitalismo e socialismo continua. O alvo das atenções no momento é a América Latina. As interrogações a seu respeito são múltiplas: Quais suas tendências ideológicas? Para onde caminha impulsionada pela estrutura econômica e social? Qual o caráter das relações que mantém com os E.U.A.? Estão em fase de deterioração? Que fazer no sentido de reestreitá-las? Há, realmente, inclinação para o socialismo? Quais os focos de manifestações mais veementes? Que fazer para extirpá-los?

Éste livro é uma tentativa de resposta a estas questões. Toma por base explicativa o estado atual da estrutura econômica e social, tanto dos E.U.A. quanto da América Latina. Procura detectar e explicar os pontos principais de fricção política entre estas duas regiões. Apontar as diretrizes para reformulação da política exterior dos E.U.A., capaz de estancar o processo de esfriamento das relações entre ambos, condicionantes da inclinação latina à órbita de influência socialista.

O problema central, pois, se refere ao caráter das relações entre os E.U.A. e a América Latina. O Autor assim se expressa a respeito:

"Are interests of Latin America and the United States really in conflict, and do economists unconsciously rationalize those of their own country into "immutable laws"?". (Pág. 10).

As informaçõs sôbre a economia latina foram colhidas pelo Autor junto ao Centro de Estudos Monetários Latino-Americanos, do Inter-American De-